

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

FUAD ABÍLIO ABDALA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Fuad Abílio Abdala (FA)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data – 04/05/2002

Local – Guarulhos/SP

Duração – 1h40m26s

Transcrição – Mariana Santos Damasco

Conferência de fidelidade – Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Sumário – Mariana Santos Damasco e Monique de Jesus Assunção

Resenha biográfica – Mariana Santos Damasco e Monique de Jesus Assunção

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ABDALA, Fuad Abílio. *Fuad Abílio Abdala. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 45p.

Resenha biográfica

Fuad Abílio Abdala nasceu em Uberaba, Minas Gerais, em 1918. Descendente de libaneses, seu pai chegou ao Brasil um pouco antes da Primeira Guerra Mundial. No país, seu pai adquiriu algumas posses e começou a trabalhar com comércio sendo proprietário de uma confeitaria. Embora tenha nascido em Uberaba, passou a maior parte de sua infância e juventude na cidade de Pedregulho, interior de São Paulo, onde estudou até o fim do curso ginasial.

Em 1933, aos 15 anos foi denunciado como portador de hanseníase e internado compulsoriamente no leprosário de Cocais, na cidade de Casa Branca, em São Paulo. Durante o período em que esteve no leprosário escrevia cartas para os familiares dos pacientes analfabetos, atividade que praticou mesmo fora do leprosário.

Em 1937, saiu de Cocais e foi para o Sanatório Padre Bento, em Guarulhos, São Paulo. Neste Sanatório trabalhou no clube da Caixa Beneficente e praticava diversos esportes como basquete, futebol e salto com vara, junto com outros internos e até mesmo com médicos. Depois de dois anos tratando-se com Promim, recebeu alta em 1948.

Fora do hospital, Fuad Abdala trabalhou no escritório de contabilidade de um tio. Em 1950 o Dr. Lauro de Souza Lima, o convidou para atuar no Departamento de Profilaxia da Lepra como agente comunitário. Ficou nesta atividade até 1962 quando foi demitido pelo diretor que sucedeu Lauro de Souza Lima.

Fuad apresentou problemas de visão por conta da hanseníase, ficou cego e aposentou-se, mas mostrando prova de verdadeira dedicação e persistência, foi aprovado no vestibular para o curso de Direito de uma das universidades mais conceituadas do país, a Universidade de São Paulo, em 1976. Em 1981, já formado montou seu próprio escritório de advocacia e tornou-se membro e advogado do Movimento de reintegração das pessoas atingidas pela Hanseníase (MORHAN); permaneceu atuando como advogado até 1988.

Casou-se com D. Palmira, teve filhos e foi um dos fundadores do Pensionato São Francisco, instituição localizada ao lado do Hospital Padre Bento que assiste aos ex-pacientes do antigo Sanatório e aos idosos em geral da região. Viveu neste pensionato até sua morte em 2005.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Lembranças dos pais, a infância na cidade de Pedregulho, Minas Gerais e a origem e o significado de seu nome; a vinda dos pais do Líbano para o Brasil e a permanência no país devido ao início da Primeira Guerra Mundial; lembrança dos irmãos, a confeitaria do pai, sua formação escolar e relato da infância tranquila e feliz; a aprovação no exame para ingresso na Aeronáutica; o diagnóstico da hanseníase e a denúncia sofrida por seu médico particular; relato sobre o aparecimento de possíveis sintomas e o tratamento com injeções de óleo de chaulmoogra; a viagem de trem para o Sanatório de Cocais e a despedida dos familiares e amigos que ficaram em Pedregulho, em 1935; observações sobre o médico Luiz Marino Bechelli; o possível diagnóstico equivocado de lepra; o início das lesões em 1945 e a cauterização sofrida no olho; relato sobre o cotidiano hospitalar em Cocais e o péssimo estado de saúde de seus internos; as cartas escritas por ele para as famílias dos pacientes que não eram alfabetizados; relato sobre as visitas e o preconceito sofrido por sua família; a falência econômica do pai e a ida da família para São Paulo; a ida para o Sanatório Padre Bento, em 1937, a inauguração do clube de esportes do sanatório e o trabalho neste clube; o aparecimento de medicamentos como a Sulfona e o Promim; sobre o Sanatório Padre Bento e seu jardim perfumado; a socialização entre os pacientes e a instituição como um hospital de referência; a vinda de médicos argentinos para conhecer o Serviço Nacional de Lepra, em 1940; sobre o médico Francisco Sales Gomes; comentários sobre o paciente que cometeu suicídio quando soube que seria transferido para o Asilo-Colônia Santo Ângelo; o ambiente tranquilo que vigorava no Sanatório Padre Bento; as fugas do depoente do hospital; sua admiração pelo leprologista Lauro de Souza Lima e a construção de um pavilhão destinado exclusivamente às crianças, já que sua especialização na leprologia era na área infantil; sobre o primeiro teste realizado no país com o medicamento Promim idealizado por Lauro de Souza Lima, em 1945; o uso do Promim em alguns pacientes e seu efeitos positivos na respiração; o acordo com o laboratório farmacêutico *Park Davis* para conseguir Promim para todos os pacientes hansenianos; as reações provocadas pelo uso da sulfona tal como uremia; o caso do paciente tratado e curado com a sulfa e comentários sobre o exame da baciloscopia.

Fita 1 - Lado B

Sobre o início de uso de medicamentos como a sulfona e o Promim no Sanatório Padre Bento em 1945; a alta obtida em 1948 após o uso da sulfona e do Promim; o falecimento do pai e a proibição de Francisco Sales Gomes em deixá-lo ir ao enterro; a ida para a casa dos irmãos, a piora na visão e a carta para o Instituto Penido Burnier, considerado um dos grandes centros de oftalmologia no país; a consulta no Instituto e a cirurgia que o fez recuperar a visão; o emprego no escritório de contabilidade; a nomeação de Lauro de Souza Lima como diretor geral do Sanatório Aymorés e o convite recebido por ele para trabalhar no Departamento de Profilaxia de Lepra, em 1950; o trabalho de assistência social no Sanatório Padre Bento; sobre as reincidências da hanseníase em alguns pacientes que abandonaram o tratamento; o casamento em 1954, o nascimento da filha em 1959, os netos e a construção de sua casa; a demissão do Departamento de Profilaxia da Lepra por Joacir Moacir de Alcântara Madeira, por motivos políticos, em 1962; o trabalho como vendedor de livros e a perda da visão pela segunda vez; o exame de maturidade, a reprovação em matemática e a aprovação no vestibular para o curso de

Direito, na Universidade de São Paulo (USP), em 1975; sobre o Conselho Estadual de Educação que permitiu seu ingresso na USP e o início do curso em 1976, com o estudo através da audição; o trajeto para a faculdade, o término da graduação e a construção do seu escritório de advocacia na própria casa, em 1981; o transplante de córnea, a recuperação da visão, a rejeição da córnea sofrida após 12 anos de transplantado; a participação no Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), seus objetivos e opinião sobre a direção deste movimento; sobre a idéia da construção de um pensionato para os ex-internos do Sanatório Padre Bento com a ajuda do padre Francisco; o pedido do terreno à prefeitura em 1975, seu recebimento em nome das freiras do Sanatório Padre Bento, a nomeação do padre Francisco como bispo na Itália e sua morte.

Fita 2 - Lado A

Informações sobre a vida do Padre Bento dias Pacheco, a fundação do Sanatório Padre Bento e a equipe de médicos e o tratamento com o óleo de chaulmoogra; sua opinião contrária sobre a mudança do nome lepra para hanseníase; as discussões com Dr. Abraão Rotberg a favor da popularização do termo lepra; menção à discriminação sofrida pelo depoente na Secretaria da Saúde; sobre a filha Iraci e o genro; sobre a adoção de sete crianças, filhos de um amigo falecido; comentário sobre os estagiários de Direito, inclusive com deficiência visual, que teve em seu escritório e o período em que exerceu a advocacia; os possíveis casos de hanseníase na família e a demora do depoente em apresentar lesões cutâneas; opinião sobre as atuais medidas de controle da hanseníase, o leprologista Diltor Vladimir Araújo Opromolla e seu coquetel de medicamentos para combater a lepra tuberculóide; a necessidade de informar melhor a população sobre a doença; o uso do Lamprem pela primeira vez por seu amigo Pedro; o rompimento com a deputada estadual Conceição da Costa Neves, devido ao pequeno valor das pensões dos pacientes; a construção das enfermarias do Sanatório Padre Bento e ampliação do hospital implementada pelos próprios internos; o movimento para encampar as enfermarias da Caixa Beneficente; o atendimento no Hospital Padre Bento e a facilidade no tratamento para quem é hanseniano; a reforma de uma parte do hospital e o empréstimo das enfermarias do pensionato para alojar pacientes do hospital.

Fita 2 - Lado B

Sobre os moradores do pensionato; a necessidade de realizar o diagnóstico precoce da doença e ampliação do tratamento no Norte e no Nordeste; seu bom relacionamento com os juízes e seu trabalho como advogado dativo (advogados que defendem a causa de pessoas sem recursos financeiros); sua vida feliz e saudável, mesmo sendo ex-hanseniano.

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Fuad Abílio Abdala (FA)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data: 04/05/2002

Fita 1 – Lado A*

LM: Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes, entrevista com o doutor Fuad Abílio Abdala, fita número um, hoje é dia quatro de maio de 2002, ele está sendo entrevistado por Maria Leide Oliveira e Laurinda Rosa Maciel, essa é a fita número um.

ML: Começar...

LM: Começar falando o seu nome todo, onde foi que o senhor nasceu.

ML: Nasceu, seus pais, a infância.

LM: Se o senhor tem irmãos....lembranças da família.... enfim, coisas assim.

FA: Sim, senhora. Eu falo...

LM: Pode começar.

FA: Eu vou falando ou vocês vão me interrogando?

ML: Não, nós vamos pergun... o senhor vai falando a gente pergunta é assim.

LM: É.

FA: Entendi. Então, pronto. O meu nome é Fuad Abílio Abdala, sou descendente de libaneses, Fuad quer dizer no fundo da alma.

ML: Fuad quer dizer no fundo da alma? Que bonito!

FA: E Abdala quer dizer servo de Deus.

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *italico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensado, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em (**negrito e entre parênteses**) - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

ML: Servo de Deus.

FA: O Abílio aí foi.....

LM: Foi no meio.

FA: Foi um erro porque era Habib e o cartorário errou, pôs Abílio.

LM: Era Abib?

FA: Habib. Habib quer dizer querido.É. Eu nasci em Minas Gerais, na cidade de Uberaba, em 1918.

ML: Ah é, Uberaba?

FA: É, mas eu não fui criado lá não, fui criado numa cidadezinha pequena na fronteira de Minas Gerais, chamada Pedregulho. Não posso.....eu vou falar.....desliga aí que eu vou falar uma coisa.

(Nesse momento a gravação foi interrompida a pedido do depoente)

LM: Isso, quer que eu segure? Eu seguro.

ML: Você segura o gravador. Então tá, então o senhor nasceu em Uberaba e foi criado em Pedregulho e na sua infância quantos irmãos? Como era?

FA: O meu pai.....o meu pai era Sher.

ML: Sher ?

FA: Sher lá no Líbano é como senhor feudal.Ele se casou e veio para o Brasil em lua de mel.

ML: Ah em lua de mel, mas mudança?

FA: Não.

ML: Ah, para passar a lua de mel mesmo.

FA: Ele tinha um primo em Minas Gerais e ele veio visitar....veio passar aqui uma temporada por correspondência, se entenderam e mal chegou aqui começou aquela Primeira Guerra.

ML e LM: Hum!

FA: E ele não pode mais voltar.

LM: Aí ele resolveu ficar ?

FA: Aí a família dele foi dizimada.

LM: Nossa!

FA: Porque ele também não tinha irmãos, era filho único. Então já tinha se estabiliza.....se estabelecido aqui e já falava um pouquinho de português e já tinha os três filhos que ele tem é.....ele teve três filhos.

ML: O senhor é o do meio ou o mais velho?

FA: Eu sou o do meio, tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova, todos vivos, nenhum foi hanseniano. (Risos)

ML: Nem seu pai nem sua mãe?

FA: Nenhum, ninguém.

ML: Como é que foi então essa doença na sua vida?

FA: Então, em Pedregulho, meu pai tinha um estabelecimento comercial e.....

LM: Ele vendia o quê, doutor Fuad?

FA: Ele tinha um confeitaria.

LM: Ah, uma confeitaria.

FA: É, e antes...antes lá em Uberaba, ele vendia era...mexia com café e gado, mas em Pedregulho ele montou uma confeitaria, e a gente foi crescendo lá, fiz os meus..... meus estudos começaram no grupo escolar, e depois não tinha ginásio de estrada naquele tempo lá e apareceu dois anos depois apareceram uns professores que....

(Nesse momento a gravação é interrompida)

FA: Então apareceram uns professores e montaram um colégio parti... um ginásio. Naquele tempo o ginásio era cinco anos e não tinha colegial. Então, eu estava fazendo o colegial e meu pai era um homem de posses, eu tinha.... a gente tinha tudo, eu era escoteiro.

LM: O senhor foi escoteiro, doutor Fuad?

FA: Fui escoteiro.

ML: Vem cá, o senhor nasceu em que ano mesmo? Ele falou em que ano ele nasceu?

FA: [19]18.

ML: 1918?

FA: Tenho 84 anos agora. Eu tinha bicicleta importada, patins.

ML: Tinha tudo... era uma criança feliz ?

FA: Feliz, muito feliz. E muito estudioso era bastante estudioso. Então, eu estava terminando....era mês de junho e eu estava fechando a penúltima série do ginásio e eu tinha prestado um exame para a Aeronáutica, mas naquele tempo ainda não era Ministério da Aeronáutica, era Escola de Aviação do Exército. Então, eu fui ao ginásio.....

ML: Ele não está confortável.

LM: É, também acho.

FA: Fui até o ginásio.... fui até o ginásio saber o resultado da minha prova e da prova da.....

ML: Da Aeronáutica.

FA: Da Aeronáutica. E fiquei contente porque tinha passado nos dois, vim contente para avisar minha família, vim descendo pela rua na bicicleta e um senhor mandou parar a bicicleta diante de uma casa que tinha sido montada lá para ser um centro de saúde, ou qualquer coisa assim, sabe ? E me pediu para parar e eu encostei a bicicleta ali no meio fio e disse : “Pois não, o que é que o senhor deseja?” “Vem aqui um pouquinho”, e eu estranhei porque ele estava de luvas, luvas....

ML: E seus pais não estavam lá?

FA: Não, sozinho.

ML: O senhor tinha quantos anos doutor Fuad, nesse momento?

FA: Eu tinha 15, 16 anos.

ML: Adolescente.

FA: É, aí eu entrei na saleta, e o cara “Você é um leproso... e não vai sair mais daqui, hoje à tarde chega um remédio para você”. Falei “Então, deixa eu avisar minha família”, quando eles falaram “Não” e tinha um policial na porta com uma espingarda...com uma carabina, não pude avisar minha família.

ML: E a sua família não sabia?

FA: Não. E eu fui denunciado.
(Sobreposição de vozes)

ML: Foi o exame da Aeronáutica?

FA: Não foi, foi o médico.

ML: Não foi o exame da Aeronáutica?

FA: Não, não tinha feito o exame de saúde ainda.

LM: Mas ele só de o senhor andar pela rua, ele te olhando....

ML: É, mas era assim.

FA: Ele já tinha sido...ele já tinha recebido....

LM: Um aviso?

FA: O médico...

ML: Mas o médico não falou para a sua família ?

FA: Notificação compulsória.

ML: É, ele denunciava era assim, era denúncia, não era nem notificação não se chamava notificação, se chamava denúncia.

LM: Denúncia.

ML: É, mas porque que ele não avisou a sua família primeiro?

FA: Porque ele era um homem generoso, bom demais (ironia). Eu vou contar para a senhora, eu tive uma espécie de pneumonia e me apareceram uns nódulos vermelhos.

ML: Ah, eritema nodoso.

FA: Aí ele cuidou, era o médico da família, cuidou e depois ele dizia para mim, “Você vai no consultório terças e sextas feiras que eu tenho umas injeções para aplicar em você” e ele me aplicava chaulmoogra.

ML e LM: Ah!

FA: E quer dizer, isso eu fiquei sabendo depois, eu insistia: “Doutor, mas que.....que é.....que doença é essa?”

ML: Ele não falava?

FA: Chama febre eruptiva.

LM: Hum, hum.

ML: Ah, tá.

FA: Ele falava. Mas que....eu nunca ouvi falar dessa doença, mas a gente não ouvia muito também, mas eu lia bastante. Aí ele um dia quando eu cheguei para a injeção, ele tinha

um compêndio assim aberto em cima da mesa e dois outros livros assim e deixava um trechinho....só um trechinho para que eu lesse. “Lê aí essa doença”, então estava escrito lá que a doença nessa fase da reação é extremamente contagiosa. E eu disse a ele “Por que quê o senhorse essa doença que eu tenho é contagiosa o senhor me manda toda vez que eu venho tomar injeção manda a Maria José?”, era a filhinha dele pequenina, manda eu pegar a Maria José, levar ela lá na confeitaria e dar azeitona para ela? Ele disse “Ah, isso está escrito no livro mas não é verdade.”

ML: Hum.....

FA: Mas ele teve que me denunciar.

LM: Ah, meu Deus!

FA: Então um menino...passou um menino, um garoto na rua que eu conhecia e chamei falei, ‘Pega a minha bicicleta leva lá, vai chamar minha mãe’, meu pai não estava lá, estava em Ribeirão Preto. E quando chegou mais tarde um pouco, me colocaram dentro de um furgão e me levaram para um vagão de estrada de ferro que estava no desvio, um vagão que estava dividido ao meio, metade era para os.....

ML: Homens?

FA: Não metade era para os guardas e então eles tinham....os toaletes tudo era deles e a outra metade era para mim e mais uma meia dúzia de pessoas que nós não tínhamos o direito de tomar água, nem de usar o toailete, nem nada, e viajamos a noite inteira....

LM: Muitas pessoas, doutor Fuad?

FA: Um ou dois ou dez pessoas só.

LM: Tudo da sua localidade?

ML: E sua mãe? Ela não se despediu do senhor?

FA: Ah, depois sim, lá quando eu cheguei, o meu pai chegou também....meu pai chegou, ele tinha programado antes para vir mesmo e a cidade inteira foi na...

ML: Na despedida ?

FA: Na despedida, foi o doutor, o médico, foi o delegado, o prefeito tudo.

ML: Por que eles estavam fazendo uma busca, não é? De pacientes?

FA: É, faziam. Eles estavam agarrando todo mundo, mas eu falei, depois eu comentei com o próprio médico “Por quê que o senhor vai me mandar para o hospital? Eu não tenho nada”, ele disse: “Você vai contaminar a cidade inteira”, porque eu era um menino assim alegre, escoteiro (risos) e naquele tempo o mundo era....era 1935. Então eu fui... viajei a noite toda e fui para Cocais.

ML: Ih, Cocais dizem que era terrível, é verdade?

FA: Terrível, lá era terrível.

LM: Aqui em Santo Ângelo, não é?

FA: Não, Cocais era em Casa Branca.

ML e LM: Casa Branca.

ML: O senhor chegou lá o [Luiz Marino] Bechelli era o diretor?

FA: Não, o Bechelli não era o diretor; o Bechelli chegou uns dias depois do que eu cheguei e jogava basquete com a gente.

ML: Ah é?

FA: É, Bechelli era um anjo, moço.

LM: Doutor Fuad essas oito pessoas mais ou menos que estavam dentro desse vagão, era o resultado da busca naquela cidade é isso?

FA: É, todos em péssimo estado de saúde. Eu nunca tinha visto..... eu nunca tinha visto uma (?)

LM: Aquelas pessoas.....

ML: Porque o senhor tinha umas lesões muitos incipientes, assim era uma infiltração, quer dizer, o senhor tinha eritema nodoso, e quê o que o senhor tinha na época?

FA: Mas depois desapareceu.

ML: O senhor estava sem nada assim ?

FA: Sem nada.

ML: Talvez uma infiltração um pouco assim na orelha.

FA: É, possivelmente, eu fiquei....

ML: O senhor não sentia nada?

FA: Nada, fiquei 10 anos no hospital sem sentir absolutamente nada.

ML: Ué? Então... que estranho!

LM: Que coisa!

ML: Eu acho que o senhor pegou a doença foi no hospital, doutor Fuad. (risos)

FA: (risos) Pode ser que sim... não, mas foi isso sim, porque eu me internei em [19]35, só em [19]45 que eu comecei a sentir alguma coisa.

ML: Eu estou achando que ele pegou a doença no hospital. O senhor tinha eritema nodoso pela infecção estreptocócica da infecção respiratória superior que o senhor teve, e foi internado e depois pegou a doença no hospital.

FA: É verdade.

ML: Só nessa viagem de trem, viajando com essas pessoas....

LM: Nesse lugar fechado.

ML: É.... grave, o senhor não tinha nada.....o senhor não tinha mão assim...

FA: Não, nada, nada.

ML: Nada disso, então o senhor só foi sentir... em [19]45 o que o senhor sentiu?

FA: Em [19]45 eu comecei a sentir uma lesão no olho.

ML: No olho, uma reação.

FA: Uma reação, ficava embaçada e apareceu um leprômato dentro do... da córnea...assim, sobre a córnea, então o médico cauterizou .

ML: Mas aquela época já tinha sulfona.....Não foi [19]40 e.....

FA: É [19]45 que chegou. Foi quando chegou a sulfona.

ML: Não estava ainda sendo usada.

LM: Não, não.

FA: Mas lá em Casa Branca, Cocais, 70 ou 80% dos pacientes estavam todos em um péssimo estado de saúde e.....

LM: Em um estágio muito avançado, não é? Da doença ?

FA: Muito avançado e gente muito ignorante e analfabetos.....

LM: Tinha muita gente doutor Fuad? Muitos pacientes lá?

FA: O hospital estava começando a ser povoado.

ML: O senhor ficou de 1935 até [19]45?

FA: Não, [19] 37.

ML: De [19]35 até [19]37, dois anos.

ML: Tá.

FA: Dois anos. Então eu... no meu tempo, eu me dedicava prá escrever cartas para os doentes, e depois que passou aquele filme...

ML: Ah! No filme.

LM: Central do Brasil.

ML: Central do Brasil é. O senhor fazia cartas?

FA: Eu fazia cartas.

ML: E seus pais visitavam? Como era? Sua mãe ?

FA: Visitavam é, mas lá tinha parlatório.

ML: Tinha um local para receber as visitas.

FA: Mas eu... quando vinha o médico... Aquele médico que me denunciou, quando vinha o delegado da cidade... então meu pai vinha junto aí eles entravam, mas no mais das vezes.. mas também não demorou muito porque ele precisou fechar a confeitaria dele.

ML: Por quê?

FA: Ninguém entrou mais lá.

LM: Ah!

ML: E aí?

FA: E aí eu tinha uma irmã mais nova do que eu e estava fazendo acho que... não sei se é terceira série do primário e ela foi expulsa da escola.

ML: Nossa foi terrível isso não é? E aí seu pai, o quê que aconteceu?

FA: Meu pai perdeu tudo o que tinha, teve... para não falir ele vendeu por qualquer preço.

ML: E veio embora ?

FA: E vieram embora para São Paulo e ele foi trabalhar como uma espécie de mascate.

ML: Sei que na época vendia coisas, ambulante.

FA: Ele e meu irmão que era mais velho, e eu fiquei lá, fiquei lá, tinha dificuldade, eles tinham dificuldade para ir, a situação econômica piorou muito.

LM: É, eu imagino, depois da Segunda Guerra foi um período... Complicado.

FA: Não isso tudo foi antes até [19]37. Em [19]37 inauguraram um prédio que o clube aqui do Padre Bento, não sei se já a senhora viu o prédio onde é a Caixa Beneficente ?

ML: É, a gente acabou não identificando a Caixa, mais é um prédio grandão do lado.

FA: Grandão é.

ML: Acho que aquele prédio maior.

FA: Aquele prédio foi feito pela mulher do [Francisco de] Salles Gomes [Júnior]¹.

ML: Ah o Salles Gomes era chefe do Abrahão Rotberg, mas o Salles Gomes era muito rigoroso.

FA: Demais. E ela, dona Gilda, a esposa, fazia chás na cidade e tudo e construiu aquele prédio e entregou para a Caixa Beneficente². E nesse dia dessa inauguração foi que eu vim para cá com o doutor Bechelli, trouxe a gente para jogar basquete, futebol essas coisas, um esporte, ele era esportista. E eu jogava basquete, saltava com vara, era um menino esperto. E fiquei aí..... fiquei trabalhando dentro daquele clube, todos esses anos que eu fiquei e fui piorando em [19]30 e.... no comecinho de [19]45 eu comecei a sentir uma dificuldade na visão. Comecei a piorar, piorar e já no fim de [19]45 apareceu a sulfona, o Promin.

ML: É o Promin.

FA: O Promin. Agora o Padre Bento era assim, era um hospital, era um jardim....era um jardim muito bonito, perfumado, perfumado, um jardim bonito....

LM: Que perfumes que o senhor se lembra de ter lá ?

ML: Rosas....

FA: Tinha muitas rosas, muita aquela amor-perfeito, violetas, cravos, cravinas e tinha um jardim assim...que era.... que tinha umas dez castanheiras produzindo castanhas, castanhas portuguesas.

LM: Ah que delícia!

FA: É, a gente sentava ali debaixo e caía aqueles ouriços de castanhas, era muito bonito, muito bonito. Tinha uma praça de esportes bonita.

¹ Foi diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, secretário da Educação e Saúde Pública e diretor do Departamento de Profilaxia da Lepra de 1931 até 1945.

² Muito provavelmente o depoente se refere às ações de benemerência da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

ML: Não foi o senhor..... foi o senhor.....vivia bem assim como era? Tinha uma socialização entre os pacientes, tinha lazer, não é ?

FA: Ah tinha, muito melhor do que aqui, muito melhor do que aqui, aqui a dependência é melhor porque é individual e cada um tem o seu banheiro. Lá os quartos eram de dois, mas eram todos... todos mais ou menos.....porque no Padre Bento era assim, piorou vai embora.

ML: Ah é? Piorou, vai embora?

FA: É, é.

LM: Como assim piorou, vai embora?

FA: Quando aparecia uma lesão em alguém, ele era despachado para um outro hospital.

LM: Para onde, doutor?

ML: Só ficava lá gente boa, que estava bem?

FA: Só ficava é... ali era hospital de referência. Em uma ocasião...

LM: E para onde que esses pacientes iam?

FA: Santo Ângelo, para Cocais...

LM: Ah, para outros lugares [leprosários], sei.

FA: Para Pirapitingui. Em uma ocasião, eu era diretor daquele clube já, em 1940 mais ou menos, e chegou uma caravana de argentinos que vieram conhecer o serviço da lepra do Brasil; então trouxeram ele no Padre Bento e um tal doutor Fernandes. Então, me chamaram de manhã..... me avisaram para ir abrir o clube porque o doutor Salles Gomes vinha com umas visitas. E então fui abrir o clube e acompanhei, não é? E nós estávamos subindo uma escadaria para ir para um salão de baile que tinha lá, e o doutor Fernandes perguntou para ele....para o doutor Salles: “E como é que o senhor espera resolver o problema da hanseníase, da lepra aqui no Brasil?”, ele disse aqui o problema só vai ser resolvido quando os óbitos compensarem. Essa era a filosofia.

ML: Ele era terrível, o Rotberg é traumatizado com.... Trabalhou com ele... com o rigor com que eles atuavam. O senhor lembra... doutor Fuad uma vez me falaram que houve um médico que trabalhava na Estação da Luz e que foi denunciado, e que esse médico veio no Padre Bento, que se suicidou. O senhor lembra... o senhor conhece essa história?

FA: Não, não teve suicídio não.

ML: Não, não foi aí não? Então foi outro hospital...

FA: Teve um suicídio ali, foi um senhor que estava com a doença evoluída e que tinha recebido uma notificação que, no dia seguinte ,ele ia ser transferido para Santo Ângelo.

ML: Aí ficou tão apavorado que suicidou.

FA: Suicidou, cortou o pescoço com a navalha.

ML: E que coisas assim de hospital nessa época... o hospital era... o ambiente era alegre?

FA: Era muito alegre, tinha muito esporte.

ML: Mas ninguém saía ? O senhor... por que o senhor era adolescente... o senhor fugiu?

FA: Eu fugi umas duas vezes.

ML: É? E ficou na cadeia quando voltou?

FA: Não, não tinha cadeia aqui.

ML: Ah, tá...

FA: Aqui não tinha cadeia.

ML: Ah tá, cadeia era lá em....

FA: Bom, todos os hospitais aqui tinham cadeia, menos a nossa. O doutor Lauro de Souza Lima não....

ML: Não deixava ter cadeia. Ah, fala do Lauro de Souza Lima.

FA: O doutor Lauro era uma figura... não sei como podia dizer... romântica, era um homem bonito não sei se vocês....

ML:É, eu conheço a foto.

FA: Um homem moço bonito, um moreno bonito, uns dentes lindos e delicado, amoroso, e é profundo conhecedor da....

ML: Hanseníase.

FA: Da hanseníase.

ML: Profundo conhecedor, realmente.

FA: É era um nome até internacional, e ele construiu, mandou construir depois atrás desse clube que nós tínhamos, construiu um pavilhão só para crianças, recolheu todas as crianças de todos os hospitais.

ML: E botou ali ?

FA: Botou ali e tudo vivendo lá, cuidando delas, com um desvelo... um desvelo paternal mesmo. E o doutor Lauro.....

ML: Ele morava dentro do hospital?

FA: Morava.

ML: Morava com a família?

FA: Ele não tinha família, ele era solteiro.

ML: Ah, tá.

FA: Ele tinha... isso é uma notícia eu não posso confirmar se é verdade, ele tinha uma noiva que diz que só casaria com ele se ele sáísse daqui. E ele desmanchou o noivado e não saiu. E o doutor Lauro quando chegou o Promin ele leu... ele leu...

ML: Foi o primeiro a testar o Promin no Brasil.

FA: Ele leu em uma revista, ele falava muito bem inglês e tudo, leu em uma revista e convocou as pessoas que tinham alguma posse....

ML: Para comprar não é?

FA: É, “Vocês querem...eu mando vir dos Estados Unidos”, um remédio que está fazendo sucesso, e a gente faz uma experiência porque o governo não vai dar, vocês vão arcar com as.....”. Então, 20 pessoas tinham.....

ML: Tinham.

FA: Que era a importância de cinco mil, cinco mil, nem sei quanto que era....cinco contos, se era mil réis, era mil réis ainda. E então ele mandou vir, mandou vir o ...e começou a aplicar meia ampola por dia em cada um daqueles vinte. A senhora sabe que a hanseníase entumece a mucosa nasal, não é? A gente não respira bem. E depois de dois... duas, três aplicações...

ML: Começava a respirar ?

FA: Começava a respirar.

ML: Ah, era uma maravilha!

FA: Aquilo era um paraíso, todo mundo respirando.

ML: E aí quem não podia comprar ficou desesperado ?

FA: Desesperado... sabe o que ele fez? Ele começou... como ele abria a ampola para aplicar a metade, ele aplicava a outra metade naqueles que...

LM e ML: Não podiam pagar?

FA: Naqueles que não podiam pagar e estavam correndo risco, então eu fui um deles. (Risos). É... eu fui um deles. E quando a coisa começou mesmo a pegar fogo, aí o Parke-Davis, Promin é feito pelo [Laboratório] Parke-Davis³.

ML: Ah, doou amostra, não é?

FA: Não, não. O Parke-Davis pediu para ele, se poderia fazer uma declaração que ele... fez, está tratando os pacientes e obtendo resultados, e eu dou para o senhor 50.000 dólares, ele disse: “Eu faço sim, mas eu quero 50.000 ampolas.”, aí ele deu para todos.

ML: Maravilha, não é? E aí quer dizer então que o senhor.....o Promin doía, doutor Fuad?

FA: Não, era na veia.

ML: Ah tá, então não doía?

FA: Não doía.

ML: Não chegou a ter injeções intramusculares não? Só na veia?

FA: Só na veia, e tinha por via oral.

ML: Sei, e aí o senhor logo ficou limpo? Não deu reação, como foi?

FA: Não, a gente... ele tinha excessivos cuidados porque parece-me que a sulfona...

ML: A sulfona eram doses altas... Dava anemia, não é?

FA: Produzia... uremia.

ML: Ah, uremia.

FA: Então produzia uremia, a gente tinha que fazer exames de laboratório toda semana. Contagem de glóbulos, exames de ureia, de sangue e montou um laboratório e fazia... e controlou bem e ninguém.... e não perdeu nunca um paciente, nunca perdeu um paciente.

ML: Aquele doente... aquela pessoa que estava com o senhor do lado, falou que ele tomou uma sulfa antes da sulfona, e que melhorou o quadro. Como é que foi essa história?

FA: A história é que ele era menino ainda....

ML: Ele era garoto?

FA: Ele era um garoto, e ele andou, andava descalço lá pelos.... ele era doente, paciente, morava no tal pavilhão que eu falei para a senhora. E ele andava, andava pelo mato lá, moleque, e ele..... entrou um estrepe no pé dele, então ele começou a... criou uma infecção

³ Parke-Davis é uma [subsidiária](#) da [empresa farmacêutica Pfizer](#).

e tal. E teve uma evolução da moléstia nele. E eles tinham um sistema de coleta de exame. Eles tiravam 136 lâminas de uma vez só.

ML: Nossa, que horror!

FA: É, uma aqui, outra aqui.....

ML: Um monte de baciloscopia.

FA: E assim...

LM: Na região do rosto, braço, em todo o corpo.

FA: Tudo, tudo.

ML: As pessoas tinham dormência, não sentiam muita dor, mas às vezes sentiam.

FA: Não, sentiam sim, porque no tronco ninguém... no tronco, a moléstia quase não afeta.

ML: Por quê que ia tirar do tronco?

FA: Mas tiravam, então eles fizeram uma coleta de lesões, chamava lesão, e das 136, 100 foram positivas e 36 negativas. Aí o médico ficou preocupado, doutor Lauro muito preocupado com ele e tal, mas eles estavam também preocupados com a infecção que ele tinha no pé e um médico ortopedista que estava cuidando do pé dele falou, eu vou te dar tiazamida⁴, que era uma sulfa bruta fabricada pela Rhodia, e ele tomou.....

ML: Ele lembra do nome dos laboratórios todos.

LM: Pois é, impressionante.

FA: (Risos) É, a gente lembra, do remédio.....

LM: Incrível, doutor Fuad, impressionante.....

FA: Aí ele tomou dois tubos daquele e ele melhorou, e logo descobriram que tinha um pedacinho de estrepe do pé e tiraram, e o pé dele sarou e ele ficou outra vez bom.

ML: E as hansenomas também diminuíram?

FA: É, aí chamaram ele para examinar...porque aí começou...

ML: Ah, baciloscopia.

FA: É foi fazer a baciloscopia, fizeram outra coleta, aí inverteu.....

ML: Aí 100 foram negativas e 6 foram positivas.

⁴ Medicamento muito utilizado para pacientes com hanseníase e que gerava muitas reações.

FA: Aí ninguém, ninguém prestou atenção nisso.

LM: Que coisa!

ML: O Brasil, Brasil tinha a primazia da sulfona....

FA: É, uns dois anos.....

Fita 1 - Lado B

LM: Podemos continuar.

FA: Continuando.

ML: Então nós estávamos na história do seu colega, não é ?

FA: Do Pedro.

ML: Pedro?

FA: É Pedro, estive com ele hoje.

ML: Ah é?

FA: É.

ML: Tá. Então isso nós estamos aí..... veio o Promin, o senhor tomou o Promin...

FA: Nós tivemos, as crianças todas tomaram.

ML: É, aí nós já estamos chegando em [19]50, não é? Quase [19]50, porque aqui o ... Padre Bento foi usado antes, a sulfa aqui foi usada antes ?

FA: Foi em [19]45.

ML: Antes do que no Brasil, porque no Brasil só chegou depois de [19]50, no resto do país.

FA: E eu saí em [19]48, em [19]48 eu tive alta.

ML: O senhor teve alta depois de tomar a sulfona?

FA: É.

ML: E aí, os seus pais estavam aonde?

FA: O meu pai já havia falecido.

LM: O senhor teve alta em 1945?

ML: É.

FA: 48.

ML: [19]48, dois anos de Promin....o senhor tomou dois anos de Promin?

FA: Dois anos.

ML: Dois anos de Promin.

LM: O senhor ficou 10 anos então internado, mais ou menos.

FA: Eu fiquei..... não eu fiquei..... treze anos internado.

LM: Treze anos, hum hum.

FA: Dez anos sem uma lesão.

LM: Certo.

ML: Eu acho que ele adquiriu a doença no.....

LM: É, é capaz.

FA: Eu podia... não sei, eu poderia ter feito alguma coisa na minha vida, não é ? Aí em [19]48 eu saí, eu saí... o meu pai já tinha falecido ele teve um CA [Câncer] no fígado e foi embora logo. Então, quando ele estava doente eu pedi para o Salles Gomes uma licença para ir visitar o meu pai que estava doente, e ele disse: “Para que você vai lá?”, “Eu quero ver o meu pai.”, “Você não é médico, não precisa ir” e não me deu a autorização. Depois um mês ou dois, telefonaram que ele tinha falecido, e eu pedi para ele a licença para ir....

ML: Ao enterro.

FA: Ao enterro do meu pai, ele disse: “Agora o quê que adianta? Ele já morreu mesmo.”

ML: O Salles Gomes foi diretor, chegou a ser diretor do Padre Bento?

FA: Não, ele era diretor geral.

ML: Geral, tá.

FA: Mas ele vinha aqui muito, ele estava sempre, toda a semana, e às vezes quando o doutor Lauro não estava, o doutor Lauro frequentava muitos congressos e tal e as licenças, era ele que....

ML: Que ficava aqui.

FA: Que dava. Aí então quando eu saí, eu fui morar na casa onde ficou minha mãe.....

ML: Seus irmãos?

FA: Meus dois irmãos.

LM: Aqui em São Paulo mesmo?

FA: Aí já era aqui em São Paulo, e eu fui morar com ele e a minha vista apesar do.....do.....

ML: Da lesão.

FA: Do Prolin, não melhorou.

ML: Mas só uma?

FA: As duas.

ML: As duas?

FA: As duas. Aí eu cheguei em São Paulo e então pedi para o meu irmão fazer uma carta para o Instituto Penido Burnier, que era em Campinas... era na ocasião o maior centro de oftalmologia do Brasil era lá, e eu tinha sabido... conhecia um nome de um médico generoso e mandei uma carta para ele dizendo que eu tinha saído do sanatório, com alta, se ele... se ele concordava em me atender. Ele me respondeu com uma presteza que eu achei estranha até, “O senhor pode vir aqui sim, marca a consulta e vem” e eu marquei a consulta com ele, fui....ele me examinou e disse: “Está... eu vou fazer uma cirurgia em você e você vai voltar a enxergar um pouco. Só que agora para fazer a cirurgia você tem que trazer uma declaração lá do Serviço de Leprosia....”

ML: Que não tem bacilo.

FA: “Que você... não é contagiante, porque, não por minha causa, mas só por garantia do hospital aqui.” E eu fiz isso e fui para Campinas e ele me operou, e ele mudou a minha pupila do lugar, ele mudou a pupila do lugar, ela estava.....

ML: O senhor enxergava... enxergava mal, mas enxergava?

FA: É, ela estava obstruída pelo... porque eles cauterizaram. Não era mais a lesão, era a cicatriz do.....

ML: Da cirurgia.

FA: Do cautério.

ML: Do cautério.

FA: Então ele mudou a pupila de lugar e eu voltei a enxergar.

LM: Que bom!

ML: Ah, que maravilha!

FA: É, e eu voltei a enxergar e aí eu encontrei essa moça bonita aí....[O depoente refere-se à sua esposa].

ML: Bonita mesmo, dona Palmira é bonita, hein ?

FA: É.

ML: E aí o senhor voltou a estudar quando? Então, o senhor casou com a dona Palmira nessa época?

FA: Não, levou uns.... eu fui trabalhar em um escritório de contabilidade, que era de um....de um tio de um internado, meu amigo; fui trabalhar com eles lá e tal....

LM: Onde, doutor Fuad?

FA: Na rua Santo André.

LM: Tá, lá em Santo André.

FA: Não, não é em Santo André.

LM: Não?

FA: Santo André é perto da rua 25 de março.

LM: Ah, aqui no centro de São Paulo.

FA: No centro de São Paulo. E nesse ínterim o doutor Lauro de Souza Lima foi nomeado diretor geral.

ML: Ah é, como foi que o doutor Lauro de Souza Lima foi diretor geral?

FA: Em 1950... em 1950 por aí, é [19]50 e aí ele me convidou para ir trabalhar com eles lá no Departamento [de Profilaxia] da Lepra, porque no Padre Bento eu tomava conta do clube e tomava conta, distribuía donativos que vinham, selecionava para as pessoas.

ML: O senhor era uma liderança.

FA: Eles me chamavam de assistente social.
(Risos)

FA: Naquele tempo não tinha.....

LM: Não tinha, não é ?

FA: Não tinha o curso.

LM: O senhor já exercia na prática ?

FA: Só prática, então aconteceu o seguinte: quando os pacientes saíram em 1900 e..... quando foi?

ML: Em [19]48 o senhor saiu ?

FA: Eu saí em.... quando que eu falei?

LM e ML: Em [19]48.

FA: Em [19]50 ele foi para lá, e [19]50 já estava saindo doente aos magotes aí.

ML: É, com a história da sulfona, o sucesso da sulfona.

FA: É, abriram os sanatórios, etc. E acontece que não esclareceram bem os pacientes não é?

ML: De voltar, de ter reação.....

FA: Você está curado sanitariamente, não é? Mas precisa fazer o tratamento continuado, e não avisavam.

ML: E dispensavam ?

FA: E então começou a faltar muita gente ao tratamento, começou a reativar as doenças, a doença.

ML: Sulfa resistência.

FA: Então, ele criou um grupo de trabalho....

ML: Ah eu tenho esse trabalho, que o Bechelli participou também, as recidivas.

FA: Por causa das recidivas, e nós tínhamos que visitar todos... e ele achava melhor que fosse um próprio paciente que fosse conversar com outro paciente lá...

ML: Então, o senhor virou esse agente ?

FA: Eu virei esse... eu muito alguns (sic), viramos esses agentes e nós começamos a fazer as visitas, e pegávamos no dispensário quem que estava atrasado no tratamento fulano, ciclano, pegávamos o endereço lá, ia na casa deles, explicava e a gente já tinha condição de olhar se tinha alguém já com alguma... diagnóstico precoce. E fiz isso lá muitos anos, alguns anos e.....

ML: O Lauro de Souza Lima ?

FA: Lauro de Souza Lima, depois casei.....

LM: O senhor casou quando com a dona Palmira?

FA: Em [19]54.

LM: [19]54.

FA: É, casei com ela em [19]54, tivemos uma filha em [19]59... só uma filha também era...

ML: Qual é o nome da sua filha?

FA: Iraci. Em homenagem a uma assistente social que chamava...

LM: Iraci?

FA: Iraci...

ML: E o senhor tem netos?

FA: Tenho dois netos, depois eu conto o resto. E casamos e como eu era servidor público, consegui um empréstimo, construí uma casa para morar mas foi... construímos uma casa e temos uma casa nossa lá em São Paulo e veio a filha. E depois em 1962, o diretor era o Alcântara Madeira, José Moacir de Alcântara Madeira, e esse Alcântara Madeira ele era médico das filhas do Adhemar de Barros, então ele queria... exigir que a gente fosse eleitor de cabresto do Adhemar de Barros; eu falei: “Eu não vou votar no Adhemar de Barros, eu vou votar no Jânio [Quadros]. Então ele me demitiu do serviço.

LM: Olha! Por causa disso, doutor Fuad? Que coisa.

FA: E eu já estava perdendo de novo a visão, isso era 1962 e já... Então para viver eu vendia livros, comecei a vender livros, coleções. Houve uma época no Brasil que vendia muitas coleções, não é?

ML: É.

FA: E até falei, ‘puxa ganho mais aqui do que no serviço público; gostei’. E... mas também logo eu perdi logo a minha visão, caiu de uma vez... caiu de uma vez eu não... eu me aposentei do serviço lá que trabalhava, e já tinha construído a casa, e a aposentadoria dava para viver uma vida sossegada quieta lá, ela cuidava da casa, nós estávamos vivendo... e aí de vez em quando vinha alguém lá na minha casa... ‘Ah, Fuad faz uma carta para mim’, ‘Ah, Fuad faz um requerimento para mim’. Então a Palmira falou para mim ‘Você tinha que ser advogado!’, mas de que jeito que eu vou ser advogado? Não tinha como... diploma do colégio, porque no último semestre eu não fiz.

ML: Foi internado.

FA: É, e não tinha condições de pagar também, já estava aposentado não tinha condições, mas eu procurei um serviço estadual que tem aí para... ajudar os cegos a estudar, eu fui,

falei com ela... ‘Não você pode fazer faz a madureza, você já está no fim’, e não sei o quê e fiz o exame de madureza. Passei em tudo menos em Matemática, porque não tinha como operar a Matemática sem visão, sem tato, não tinha como fazer. Então, eu fiz a madureza e não passei, mas era... aí tinha um exame de... marcado de madureza, outro exame e o exame do... vestibular e como eu não podia pagar nenhuma faculdade, eu precisei tentar na USP. A USP aqui em São Paulo é gratuita, é do estado, e eu prestei concurso, vestibular na USP e eu passei.

ML: Hum, que maravilha, passou em Direito na USP?

FA: Na USP.

LM: Puxa, que vitória, doutor Fuad!

FA: Senhora?

LM: Que vitória bonita, hein ?

FA: É, verdade.

LM: Que bom!

FA: A senhora quer ver que beleza? Eu fui antes lá falar com o diretor e disse assim: “Eu queria fazer um curso de Direito, não tenho muito recurso, não tenho como pagar e eu sei que aqui não se paga e também sei a qualidade do ensino. Como é que eu posso fazer?”, “O senhor me aceita como candidato cego, eu não tenho tato também para fazer braile, eu teria que fazer exames orais”, ele disse “Olha meu amigo, o senhor não tem que se adaptar à escola, a escola é que vai se adaptar ao senhor. O senhor preste os exames; se o senhor passar, nós cuidamos do resto”. E foi o que aconteceu: eu passei, mas não podia entrar porque não tinha o outro diploma.

ML: De madureza.

FA: Aí eu fui no Ministério da Educação, o Ministério me encaminhou para o Conselho Estadual de Educação. Então, teve uma sessão especial para discutir isso: como é que uma pessoa passou no vestibular da USP e agora não pode entrar porque não sabe fazer Matemática? Ele não vai...”, até brincou a mulher “Para quê que um advogado precisa de Matemática?”, o outro falou: “Eu sei: para fazer as contas para cobrar da gente”, brincou. Então ele propôs que me dessem... que me liberassem do exame, mas a burocracia não, não pode de jeito nenhum; depois qualquer um quer liberar a faculdade, tem que prestar um tipo de exame. Ele perguntou para mim: “E se fizer um exame no senhor só com conceitos de Matemática, o senhor faz?”, eu falei “Eu faço”, “Então vamos fazer”; marcaram um exame, eu fiz um exame de conceitos, só conceitos. O quê que é isso? É o quê que é círculo, aquelas coisas e passei, e fiz o curso. Lá na faculdade eu disse para todo mundo que eu era... que eu era egresso, que eu era hanseniano, não tive nenhuma resistência, não senti absolutamente nada com ninguém.

ML: Que bom, não é ?

FA: É, tem até aquela brincadeira que eu falei outro dia, que depois que começaram a falar que não era lepra, que era hanseníase e o rapaz falou: “O quê que é isso, hanseníase, Fuad?”, falei “Hanseníase é essa doença que eu tenho”, “Ah, coitado, além de lepra você tem hanseníase”.(Risos)

LM: Tem as duas coisas, não é doutor Fuad? Que absurdo! (risos)

ML: E como é que o senhor fez com essa história de não conseguir por causa do tato? Braile, como é que o senhor...

FA: Fiz igual quando começou...

LM: O senhor entrou que ano doutor Fuad na faculdade?

FA: [19]76.

LM: 76, tá.

FA: Tinha 57 anos.

LM: Puxa, que perseverança.

FA: É, entrei na faculdade, fui me apresentar ao diretor falei: “Pronto, estou aqui, passei.”, “Então está bom, vou fazer uma reunião com os professores e vou pedir que eles usem o processo que eles quiserem, desde que não seja para escrever nem para ler, nem nada.”. Aí todos concordaram em fazer oral, faziam a prova oral comigo e eu mandava gravar os livros deles e ficava aqui em casa lendo, lendo....

ML: Ouvindo.

FA: Lendo, repassando os livros e fui bem; eu não perdi notas nunca, não faltei nunca.

ML: O senhor já estava completamente cego ?

FA: Totalmente, não via....

LM: O senhor já morava aqui nesse....?

ML: Não, na casa dele.

FA: Aqui não.

LM: Não, lá em Taubaté⁵.

ML: Na casa que ele construiu.

FA: Morava lá e ela me colocava no ônibus de manhã.

⁵ A entrevistadora quis dizer Tatuapé.

ML: Dona Palmira?

FA: Dona Palmira, me colocava no ônibus que descia assim 300 metros longe da faculdade. E eu ia caminhando, ela já... antes de começar as aulas, duas ou três fins de semana, ela foi comigo lá me ensinar o caminho.

ML: Gravar o local.

FA: Como é que eu caminhava, o quê é que tinha do lado de lá, do lado de lá tinha banca de jornal, tinha telefone, tinha sinaleira.

ML: Aí o senhor decorou mentalmente o caminho ?

FA: É, então, para mim decorar, para mim atravessar a rua. E eu descia do ônibus ia... e andava aquele pedaço, de vez em quando me davam esmola no bolso, punham no bolso sabe moeda no meu bolso, ganhei muita esmola. (Risos)

FA: E quando eu chegava... a senhora sabe que eu fiquei cinco anos naquela faculdade; durante os cinco anos, eu faltei cinco vezes só. Então, foi cinco anos menos cinco dias.

ML: No ano.

FA: É, eu nunca consegui atravessar aquela rua sozinho.

ML: Aquela rua é muito movimentada não é, a doutor Arnaldo ?

FA: Não!

LM: Não é doutor Arnaldo, não; Doutor Arnaldo era a [Faculdade] de Medicina.

FA: Não, Largo de São Francisco, lá era Largo de São Francisco. Sempre tinha alguém que ajudava, botava a mão no ombro “Vamos atravessar, tio”, “Vamos para lá”, eu fiz isso aí todos os anos.

ML: Aí o senhor terminou a faculdade ?

FA: Aí eu terminei a faculdade e fui lá na minha casa, a minha casa tinha... fiz a casa sobre colunas, tinha feito sobre colunas porque tinha enchente naquela rua. E depois adaptei a parte debaixo fiz dois... duas salas e montei escritório lá, montei escritório em 1981.

ML: Estava começando o MORHAN já.

FA: Já tinha começado o MORHAN.

ML: É o MORHAN.

FA: Aí eu tinha um médico, um oculista aqui na... lá na Penha que eu ia de vez em quando lá e pingava um colírio. Um dia ele mandou me chamar, ele disse para mim assim: “Olha, Fuad, eu acho que seu olho dá para fazer um transplante de córnea.”, eu falei “O senhor faz?”, “Ah, mas eu não estou bem aparelhado não, mas a gente pode providenciar isso, não sei o quê”. Aí eu conversei com uma moça conhecida minha, uma assistente social e ela me indicou um médico e eu fui telefonei para marcar uma consulta com o médico; eu marquei uma consulta, era no mês de janeiro e era para ser em março do outro ano. Eu até falei com ela: “Puxa mas só...vou ficar um ano esperando?”, aí ela me disse: “Você vai em tal lugar assim, assim, assim que é o sogro dele, também é oculista; marca uma consulta, fala com ele e ele arranja uma brecha para o homem te atender”. E ele era o papa dos transplantes, e eu fui lá e tal ela mandou que eu fosse lá... pegou, deu uma cartinha na mão dela, a senhora vai lá... lá pelas três horas, quatro horas dá um lanchinho para ele e vai lá no consultório, senta lá e fica esperando. Entrega essa carta na mão de fulana de tal, que era uma enfermeira dele, entreguei a carta às três horas, entregamos a carta para ela e ele foi atender a gente à uma hora da manhã.

LM: Nossa.

FA: Atendeu, examinou e disse que tinha condição de fazer o transplante, e tinha que esperar também. E eu fiquei telefonando toda a semana e no fim, eles se encheram um pouco comigo e marcaram um dia para eu fazer. E fiz o transplante e fiquei enxergando 12 anos.

LM: Ah, que coisa boa !

ML: O senhor exerceu a advocacia bem ?

FA: Aí eu melhorei, 12 anos.

ML: E aí voltou tudo ao que era antes ?

FA: Aí depois começou decair outra vez, decaiu, decaiu; eu voltei lá nele, ele disse: “Foi rejeitada a sua córnea, tem que fazer outra vez.” E fez outra vez e durou apenas três meses e apagou de novo. Então, a dona Palmira não deixou fazer mais.

ML: Certo, duas vezes.

LM: Doutor Fuad, bem aí então o senhor advogou até recentemente?

FA: É aí.....

ML: E como foi com o MORHAN? Me conta aí a sua participação no Morhan.

FA: O MORHAN eu soube que lá em Bauru tinha o Bacurau, esse lá, e mais outras pessoas e nós começamos a estabelecer um movimento de reintegração. O MORHAN cuida de fazer aquilo que... exatamente o que eu estava fazendo na faculdade, estava falando... porque eu entendo para a gente poder fazer a reintegração, nós, os doentes é que temos que falar que nós somos doentes, e que nós estamos aqui... a gente não tem que

se esconder e a maioria se esconde. E o movimento tinha esse sentido: nós tínhamos que pôr cara para tomar um tapa, soco, mas tinha que pôr cara no mundo.

E, então eles souberam também da minha... peripécia de me formar em Direito e me convidaram para fazer... ajudar a fazer os estatutos e eu fiz os estatutos junto com eles. E todos os movimentos... todos os encontros eles chamam de encontros, eu sou convidado para estar presente, para alterar alguma coisa no estatuto, para que as eleições corram direitinho e a única coisa que não participei assim de diretoria....

ML: Nunca foi de diretoria, não?

FA: Não.

ML: E agora o quê que o senhor acha do Artur? Continua o Artur?

FA: O Artur continua, o Artur. Modernizou um pouco o MORHAN, sabe? O MORHAN estava muito... estava dirigido por pessoas muito estragadas. Porque a gente quer vulgarizar a hanseníase, mas também não pode mostrar muita desgraça junto e o Artur é um bonitinho assim. (Risos).

ML: Ele está falando das pessoas estragadas do ponto de vista físico.

FA: É lógico, da minha condição para baixo. Até a minha condição ainda dá para tapear, mas tem gente que tem aqui se a senhora ver como tem aqui...

ML: É, a gente viu.

FA: A senhora viu ?

ML: É, algumas pessoas eu conheço também de outros hospitais.

FA: A senhora já esteve aqui outras vezes?

ML: Não, primeira vez eu conheço mais de hospitais do Rio, de outros lugares.

FA: Então aqui também foi mais ou menos na mesma época, eu ainda estava sem visão, e tinha dois amigos meus, que eram sozinhos, os dois cegos também, e eles não tinham... saíam de hospital e moravam mal, não é? Não arranjavam empregada, não sei o quê. Então, que tal se a gente fizesse um pensionato e não sei o quê.

ML: Ah, tá.

FA: Então nós começamos a idealizar o pensionato, mas nós três éramos cegos, precisava alguém que enxergasse e tal aí falaram tem um padre aí, um padre... um padre gozador, um padre bastante liberal, convidamos o padre para participar com a gente...

LM: Qual é o nome desse padre?

ML: Tem um padre lá embaixo, não é ?

FA: Padre Francisco.

LM: Francisco?

FA: É. Por isso que é São Francisco.

LM: Ah, tá.

FA: E nós...aí fomos na prefeitura, pedir um terreno para nós.

LM: Isso foi quando, doutor Fuad?

FA: Isso foi mais ou menos... na época que eu entrei para a faculdade 75, 76 por aí, não tenho muita precisão. E nós fomos à prefeitura, eu tinha feito o estatuto, registrado o estatuto e tudo; levamos lá e entregamos para o prefeito; o prefeito ofereceu dois terrenos para nós, ofereceu este e ofereceu um lá perto do aeroporto de Cumbica. E a gente preferiu este porque é mais próximo do...

ML: Padre Bento.

FA: Do Padre Bento, para o atendimento médico, essas coisas e tal. Aí passaram uns dois meses e mandaram chamar para assinar a escritura de doação do terreno; aí quando nós chegamos eles viram os estatutos, os estatutos não tinham... as sociedades não tinham três anos de vida, sem ter pelos menos três anos de vida não pode ser reconhecida de utilidade pública, e nós sendo de utilidade pública não pode receber doação. Então nós ficamos sem poder receber doação do terreno, aí o padre falou com as... com as irmãs aí, com as enfermeiras.

ML: Ah as enfermeiras...

FA: Elas trabalhavam no Padre Bento, eram italianas as primeiras que vieram, vieram cinco ou seis enfermeiras italianas, e elas.. .então elas tinham já o hospital Stella Maris, então elas já tinham o tempo de praia, de carência necessária, elas receberam o terreno. Nesse mesmo instante, o padre Francisco foi nomeado bispo lá na Itália e nós ficamos desarvorados outra vez. Ele disse: “Não, eu mando dinheiro para vocês”... e ele mandou todo o dinheiro para construir isso aqui.

ML: É muito bom isso aqui, é grande, espaçoso gostei muito daqui.

FA: E sabe ele não viu pronto porque ele morreu num acidente de automóvel, coitado.

ML: Ah, sim.

ML: Doutor Fuad e o Padre Bento? Que história...porquê que o nome é Padre Bento? Quem foi Padre Bento?

FA: Padre Bento Dias Pacheco, a senhora não viu ele lá no...

Fita 2 - Lado A

LM: Pode começar.

ML: No Padre Bento.

FA: O Padre Bento é aquela... Padre Bento Dias Pacheco, e ele morava em Itu. Era um padre, não sei tinha a congregação dele eu não... acho que era um padre regular, não é? Não sei. E ele se dedicava a atender os hansenianos, ele tinha uma casa, ele recebia doentes lá e atendia. A história dele é um pouco vaga assim e tinha esse hospital aqui já existia, era um hospital de alienados mentais.

ML: Ah o Padre Bento?

FA: É. E o estado adquiriu o hospital para fazer um hospital de referência aqui pertinho de São Paulo, e deram essa denominação Padre Bento Dias Pacheco. Acho que ele foi fundado em [19]32 ou 33. E era pequeno o hospital, muito pequeno, comportava umas 600, 700 pessoas só e... mas era um hospital muito gostoso, saudável muito...

ML: E a qualidade dos médicos muito boa, eram médicos muito bons.

FA: É, mais ou menos, não é? (Risos)

ML: Era mais ou menos? (Risos)

FA: Porque não...eles, não tinham muito o que fazer, não existia nada, quer dizer tinha cirurgias, tinha...outros tipos de médicos, tinha farmacêuticos e atendiam a gente naquele possível, mas na hanseníase não tinha o que fazer não é, faziam aquelas infiltrações com óleo de chaulmoogra não é, aquilo era terrível o pessoal sofria demais.

ML: Doía muito, não é seu Fuad?

FA: É, doía muito.

ML: Seu Fuad, e nome, essa mudança do nome, o quê que o senhor acha disso? O senhor acha que realmente o nome hanseníase ele veio ajudar no combate ao estigma?

FA: Eu não sei, eu fui contra... eu fui contra...

LM: Contra a mudança de nome?

FA: É, eu discuti muitas vezes com o doutor Abraão [Rotberg]. Porque eu entendo que a gente tinha que popularizar, avacalhar o nome porque eles usavam esse nome para xingar o motorista que corta a frente do outro... Lazarento! Leproso!

LM: Morfético.

FA: Morfético, sabe, então isso aí era pesado.

ML: Naquela época se usava muito morfético, não é?

FA: Era, no interior, não é ?

ML: Em Minas.

FA: No interior se falava muito morfético. Então eu achei, falei “Doutor Abraão, é melhor a gente popularizar... tentar demonstrar que agora a moléstia tem cura, fazer muitas campanhas seguidas; vai indo, a gente consegue”, porque nunca teve discriminação. Eu vou contar para senhora: eu nunca tive um única discriminação.

ML: O senhor nunca sofreu assim uma discriminação?

FA: Só uma.

LM: Qual foi?

ML: Foi aquela do diagnóstico, a pessoa que pegou o senhor na rua ?

FA: Não, não isso aí... quando eu fui demitido do serviço, porque eu não quis votar no Adhemar de Barros. Eu fui à Secretaria da Saúde pelo menos para protestar, eu fui protestar; fui com outro rapaz que também foi demitido junto comigo. Nós fomos lá para... marcamos uma audiência com o Secretário era o Fauze Carlos, o Secretário da Saúde de São Paulo, irmão do Emílio Carlos, famoso Emílio Carlos, deputado federal. Então, marcaram um determinado dia para nós fazermos com ele, e nós estávamos os dois sentados na sala, na ante-sala do secretário e vem um moça servir o café para ele... o subsecretário, agora não sei como é que chama, era... chamava antigamente Diretor-Geral, era a segunda pessoa. Aí ele ofe.... “Vocês aceitam um café?”, perguntou para nós, eu tomo café muito e disse “Aceito, sim”, e o outro também aceitou; aí a moça trouxe duas xícaras de café para nós também e uma para ele, para o diretor, e ele estava tomando café e até falei com... o rapaz “Olha, que xícara bonita”, era uma xícara que tinha estampada o brasão de armas de São Paulo, sabe? Eu falei “Se a gente pudesse furtar umas xícaras dessas”, mas eu estava tomando o café e quando terminou a gente pôs ali em cima da bandeja que ela deixou; aí ele pediu licença para ir ao toalete, ele foi no toalete, o toalete era encostado ao... à cozinha, lá não sei como é... na copinha, não é? O que eles fazem na repartição? É copinha. E ele estava no toalete e a moça entrou com as três xícaras e disse assim: “Lava essas duas... [lava] essa aqui e essas duas aqui, ele mandou quebrar”.

LM: Nossa!

ML: Foi o Secretário de Saúde que mandou quebrar?

FA: É, não foi o Secretário, [foi] o Diretor Geral.

ML: Ah, o Diretor Geral.

FA: Mandou quebrar as xícaras que nós tomamos café; quer dizer, eles não acreditavam na cura da gente.

ML: Talvez também pode não ter sido ele, pode ter sido ela, a própria secretária, não é ?

FA: A atendente?

ML: É, a atendente.

FA: Ah não, ele mandou quebrar.

LM: O senhor ouviu ele falando?

FA: Não, o outro ouviu.

LM: Ah, o outro ouviu.

FA: É.

ML: Doutor Fuad e seus filhos, o senhor falou que ia falar de seus....sua filha não é.

FA: É minha filha....

LM: Iraci.

FA: Iraci, ela casou com um rapaz que é assistente social, ela é formada em Direito também como assistente social da Câmara Municipal de São Paulo, porque eu trabalhava como voluntário numa entidade assistencial.

ML: Eu vi que o senhor tem um título de voluntário no cartaz.

FA: É, então é isso eu fui eleito voluntário do ano. É um trabalho... eles acharam extraordinário, um homem velho, cego e voluntário. Deve estar precisando...

ML: Ser ajudado.

FA: Ser ajudado. Bom, ela casou com esse rapaz aí.

ML: E o senhor tem netos?

FA: Tenho dois netos, dois meninos um tem 15, o outro tem 12 anos. Agora esse rapaz que viu as xícaras serem quebradas, [ele] ouviu, não é? Ele casou e teve sete filhos.

ML: Nossa!

LM: Puxa!

FA: Seis meninas e um menino.

ML e LM: Risos.

FA: E ele foi mandado embora do Serviço junto comigo; foi vender livro junto comigo, meu amigo... ficamos....

LM: Só não foi fazer faculdade junto com o senhor, não é?

FA: Não, não aí ele... ele teve uréia e teve um infarto e passou mal. Então ele pediu um papel e escreveu lá... fez uma declaração de última vontade; e nessa declaração ele entregou para mim, os sete filhos dele para eu cuidar...

LM: Nossa!

FA: E dar o destino que eu achasse melhor para as crianças, desde que não fosse para a família dele nem para a família da mulher dele.

LM: Nossa, doutor Fuad, mas por que?

ML: E eles tinham que idade?

FA: Era dez, dez anos, nove anos, oito anos, sete anos.....

ML: Nossa, doutor Fuad. E a dona Palmira, o quê que achou disso?

FA: Ela cuidou de todos.

ML: É?

LM: É mesmo, doutor?

FA: Cuidamos de todos, todos estão casados. Todos... todos... só uma não tem o título de nível superior, todos.....

LM: Todos estudaram.

FA: Duas são advogadas, duas são... uma trabalha no INSS é administradora de empresa, duas são professoras.

ML: Então, aumentou... na verdade o senhor não tem só uma filha ?

FA: É agora eu tenho... e o rapaz... e o rapaz ele casou... ele é enfermeiro e casou com uma enfermeira. Então eles me... eu tenho dois netos e três... seis... e oito netos desses aí.

LM: Poxa!

ML: E vem cá, e a sua filha que era advogada... ela trabalha no seu escritório? Ela trabalhava no seu escritório?

FA: Não, ela mora... ela não trabalha...

ML: Ah, ela mora em outro estado.

FA: Em Atibaia, mora longe.

LM: É no interior de São Paulo.

ML: Não é muito longe, não.

FA: Não é longe não, 60 km, mas com dois filhos já, pré adolescentes agora não pode fazer nada. E é isso esses filhos aí nós criamos e eles vem com muita assiduidade aqui, telefonam bastante.

LM: Que bom, não doutor Fuad ?

FA: Os filhos deles todos nos chamam de vovô, vovó.

ML: Bom. E doutor Fuad, o senhor sai muito porque o senhor tem muitas atividades fora, o senhor está aqui mas o senhor não se isolou do mundo não é. O senhor está saindo sempre, sendo convidado para aqui e ali.

FA: É e eu saio sim, estou sempre saindo. Hoje que é sábado eu fui naquela obra assistencial que eu trabalhei, essa aí que a senhora viu aí.

LM: Ah.. a dos voluntários.

FA: Até hoje eu trabalho lá, já eu tive seis estagiários que se formaram em Direito, dois cegos.

ML: Influenciou, hein.

LM: É, fez escola.

FA: Fiz escola, lá na faculdade quando aparece um aluno cego eles já mandam para mim, mandam para mim... agora não, mandam, fechei o escritório.

LM: Mas o senhor chegou a exercer o Direito por quanto tempo?

FA: De 80.... de 80, foi no fim do ano que eu me formei, de 81 a 94.

LM: Nossa! Treze anos!

FA: Não, mais.

LM: Mais?

FA: 94.....

ML: Ele parou agora.

FA: Não eu parei agora, 98. Dezessete anos.

LM: Muito tempo.

ML: Doutor Fuad, eu fiquei impressionada com essa história do senhor...de ter tido esse eritema nodoso, e depois... dez anos depois só fazer a primeira lesão cutânea, sabe? Agora nada me... o senhor não teve pai nem mãe doente?

FA: Não.

ML: O senhor não tem nenhum caso de doença próximo ao senhor?

FA: Não, eu nunca vi um doente.

ML: Pois é, será que o senhor não ficou doente na colônia?

FA: Não sei.

LM: Risos

ML: Porque ele pode ter tido o eritema nodoso de outra causa, de outra origem, já teve até medicamento que dá eritema nodoso.

LM: Isso.

ML: Ou até a própria infecção que ele teve, se não foi estreptococcia, entendeu, porque é muito estranho ele sem tratamento ficar...

LM: Dez anos.

ML: Não, evoluir, nada impede que tenha sido depois.

FA: É, eu sei acontece que... bom....

ML: Alguém já... o Lauro de Souza Lima falou o quê disso?

FA: Eu não era... eu não era cliente dele porque era muita gente, eu pertencia a outro médico, nunca falaram nada, ninguém falava nada. A gente ia fazia uma revisão cada três meses olhava, e está tudo bem e tal, você toma isso toma aquilo, cálcio toma aquilo e não sei o quê. É isso aí.

ML: E o quê o senhor acha hoje das medidas de controle da hanseníase hoje? O quê que o senhor acha?

FA: A senhora viu aquele médico falando lá, doutor Opromolla. Aquele substituiu o doutor Lauro [de Souza Lima], dizem que ele é um grande empreendedor.

ML: É.

FA: E ele falou lá com todas as palavras, que já tem um coquetel lá que cura com uma única dose. A senhora ouviu isso?

ML: É, mas é só lesão única tuberculóide que pode melhorar até sozinha, espontaneamente. É acreditar não é, acreditar que a tecnologia realmente ajude, mas é que não basta só tecnologia tem que ter educação, acesso à saúde, informação para as pessoas também fazerem o diagnóstico precoce, quando o diagnóstico é tardio não tem jeito, é tudo a mesma coisa, porque o senhor mesmo tratando por 12 doses, fica fazendo reação pós-alta, não é, doutor Fuad?

FA: É.

ML: O senhor conheceu muitas recidivas da sulfona, assim as recidivas da sulfona, como foi isso? Porque as pessoas acreditaram muito na sulfona, começaram a ter alta e o senhor teve amigos assim com recidivas? Como foi isso?

FA: É tive, esse... esse Pedro mesmo que nós falamos teve recidivas e ele foi o primeiro que tomou o Lamprem.

LM: Lamprem ?

FA: É. Eu... através de um amigo de Franca que me informou que o médico dele, o médico da família dele, tinha ido para a Alemanha e disse que tinha uma droga lá que eles estavam dando para África, para não sei o que. Aí o médico foi para lá e nós pedimos a ele orientação e ele trouxe uma bula, uma bula do Lamprem. Aí levei para o médico do posto aí... o médico do ambulatório de hanseníase e ele leu, leu, leu e estava em inglês e em alemão e ele não domina, não dominou. E leu e falou “Ah, isso aqui não presta, isso aqui é tudo corante, não serve para nada.”

ML: É corante mesmo, só que é um corante específico. Cora o bacilo.

FA: E depois mais tarde ele tomou, eu soube que ele tomou para ficar moreno, ele tomou bastante.....

ML: Rosado.

FA: É para ficar rosado. Então eu peguei e falei com o Pedro e falei: “Isso aqui é feito lá no Ciba; Ciba é lá em Santo Amaro, você descubra lá onde é que é o laboratório, vai lá e conversa com alguém”. Ele foi lá e encaminharam ele para o médico, e o médico disse: “Mas o senhor vem aqui para eu ver de vez em quando o senhor ou eu dou medicamento?” “Ah, eu venho”, então ele deu o medicamento para ele, foi o primeiro que tomou o medicamento e eu acompanhei bem e eu tomava também com ele. Mas meus olhos não melhoravam nunca, mas eu tive uma também tive uma atuação contraditória com a Conceição da Costa Neves.

ML: Conceição da Costa Neves quem é? Ah, Conceição foi a do MORHAN.

FA: Ah?

ML: A Conceição e a Andréa do MORHAN, não é?

FA: Não, não.

ML: Quem é Conceição da Costa Neves?

FA: Não conheceu dona Conceição?

LM: Foi aquela que foi deputada.

FA: É, foi deputada.

LM: O doutor Abraão ontem falou muito dela, que foi deputada estadual.

FA: Estadual, presidente da Assembléia.

LM: Isso, isso.

ML: Mas o que que aconte.....o quê que ela fez?

FA: Porque foi assim, quando aconteceu o êxodo dos pacientes dos hospitais, muita gente não tinha onde morar, daí começou a ideia nossa de fazer esse pensionato. E ela preparou uma lei que dava uma pensão para cada paciente que fosse considerado incapaz para o trabalho, mas era uma pensão tão irrisória que não dava nem para pagar a locação de um quatinho. E ficava submetido a ela.

ML: Doa o voto.

FA: Ou crê ou morre.

LM: Ou crê ou morre.

FA: É.... e ficava nessa história. Uma vez o meu primo me procurou para...”Ah, Fuad, faz não sei quantos anos que não aumenta a nossa pensão, não dá para nada, não sei o quê, porque você não fala com a dona Conceição, vamos lá na Assembléia”. Telefonei para o escritório, marquei com ela um encontro, ela marcou conosco e eu fiquei lá e ficamos esperando e ela entrou na Assembléia por uma porta e saiu por outra; foi embora e não deu em nada, e nós ficamos a tarde inteira lá esperando. No fim da tarde a gente soube que ela tinha ido embora sem falar com a gente. E eu peguei de noite fiz uma cartinha para ela, fiz uma cartinha dizendo que ela era nossa deputada, nós votamos porque quisemos votar nela, mas como nossa representante ela tinha obrigação moral de nos atender, principalmente porque tinha marcado.....”Eu tinha marcado com a senhora uma audiência e não era nada para mim, não sou pensionista”... eu não sou pensionista, era para os outros pensionistas. E fui de manhã lá no escritório e entreguei lá para a secretária dela... quando foi à tarde telefonaram para mim, a secretária dela, “A dona Conceição marcou para você vir aqui amanhã às nove horas da manhã, aqui no escritório”, falei: “Pronto, já vem paulada em cima de mim” e eu fui. E eu fui e ela disse assim “Eu mandei te chamar porque você é um ingrato, eu estou te ajudando, os pacientes e você me manda uma carta malcriada dessas e não sei o quê”, eu falei: “Dona Conceição, a senhora... eu cheguei às duas horas e às sete da noite me falaram que a senhora foi embora que.....”

ML: Quem é malcriado?

LM: É, pois é.

FA: “Você e não sei o quê....” e começou a me botar o dedo no meu nariz e eu fui ficando nervoso, eu falei: “Quer saber de uma coisa, dona Conceição? A senhora sabe que antigamente os leprosos andavam a cavalo com chapéu na mão, não é?”, “É verdade, e o quê que a senhora fez? A senhora tirou o cavalo, mas o chapéu na mão e a gente andando a pé, a senhora tirou da gente o cavalo só; o resto, a senhora não fez nada.” “Você é um estúpido, malcriado” e ameaçou me dar na cara.

LM: Nossa!

FA: É, e ela não poderia me bater, porque ela era deputada, presidente da Assembléia. É isso, rompi relações com ela por isso, porque foi essa a verdade, porque se o paciente custava 800 reais, ou 500, não sei quanto per capita, dentro do hospital eles jogavam os doentes... quem não tinham família forçava a saída deles, e dava uma pensãozinha de 200, 300 reais, quer dizer.....

ML: Lá tem pacientes ainda no Padre Bento não, não é?

FA: Não, lá já fechou.

ML: Não tem nada.

FA: Tem mais nada lá, só tem o clube....

ML: Os pacientes, o clube e a Caixa.

FA: E o hospital, ah a senhora queria saber do hospital.

ML: Não, o hospital eu sei que tem, estou falando com relação a paciente mesmo, se tem algum asilo?

FA: Não, não.

ML: Alguma casinha com algum paciente? Nada, nada, nada.

FA: Não, tem umas casas que são da Caixa Beneficente mesmo, é da Caixa Beneficente.

ML: E eles alugam?

FA: Eles alugam as casas.....

ML: São aquelas casinhas lá dentro ou do lado de fora do muro....

FA: Lá dentro em uma ruazinha que tem lá que vai....

ML: Lá perto.....

FA: Perto da igreja, aquelas casas... aquele... aquele pedaço de terra não era do estado, era de um doente e ele doou aquilo para a Caixa, a Caixa Beneficente é uma entidade. E a Caixa, as pessoas que tinham dinheiro construíram... construíam a casa e ficavam morando, quando saíam entregaram para a Caixa a casa, então ficaram aquelas casas todas para a Caixa. Mas enquanto o hospital... enquanto o hospital funcionou, nós não tínhamos enfermarias; então as pessoas, por exemplo, faziam uma cirurgia, ia para o quarto, levava em uma maca no próprio quarto, onde ele morava e ele era acompanhado ali mesmo não tinha enfermaria. Então quando chegaram essas italianas aí, as freiras... essas freiras atuais....

LM: Que o senhor falou.

FA: É, elas começaram a forçar a barra para fazer uma enfermaria, nós tínhamos um engenheiro lá dentro chamado seu Alonso e a Caixa começou a juntar recursos e fez uma enfermaria. Mais ou menos um terço... um terço desse hospital aí, não sei se a senhora viu um *hall*, umas escadas que sobem, que tem assim gravado na parede Padre Bento, ali era a entrada da enfermaria.

LM: Não, nós não vimos, não.

FA: É, bom, era entrada.....

ML: Era o lugar nós passamos atrás.

LM: É, pode ser.

FA: Ali era a enfermaria; embaixo era a parte administrativa.

ML: Agora está tudo mudado.

FA: E consultórios e em cima eram os quartos... as enfermarias, mas eram quartos que tinha lá. E depois começou ampliando muito e o... e a Caixa Beneficente fez uma campanha para ampliar... para ampliar as enfermarias e a maior parte do dinheiro que deu para essa ampliação da enfermaria foi um laboratório que eu não sei qual é, não me lembro bem qual é o laboratório e a Antártica, Antártica que doou a maior parte e o trabalho foi efetuado pelos próprios pacientes.

ML: É, o Fred estava falando.

LM: É.

FA: Foram os próprios pacientes que fizeram, o pedreiro, tinha o engenheiro, seu Alonso, aquela coisa. Agora quando o hospital esvaziou, então o governo quis aproveitar a enfermaria continuou trabalhando aí, só atendia pacientes... só hansenianos. Aí começou a Dutra aí tinha muito acidente e a Marginal, o aeroporto de Cumbica, então tem muitos

acidentes nessas estradas e a cidade aumentou de tamanho. Guarulhos é considerada a segunda maior cidade do estado de São Paulo. É maior do que Campinas.

ML: O município?

FA: É, Guarulhos é a segunda maior cidade. Então, o governo do estado começou um movimento no sentido de... de encampar essas enfermarias que era da Caixa Beneficente não é, que era dos doentes.

ML: Os doentes se rebelaram...fizeram um movimento.

FA: Fizeram um pequeno movimento.

ML: E o senhor também estava nesse movimento?

FA: Eu estava, mas acontece o seguinte: nós não íamos ter condições de dar continuidade porque eles iriam tirar os médicos daí, e depois também nós não tínhamos a aparelhagem que tem aí, sabe ?

ML: E depois também eles botaram uma assistência maior não é doutor Fuad?

FA: É, é.

ML: Botaram emergência.

FA: Puseram um pronto-socorro.

ML: Está muito bonitinho, achei muito bonito lá o setor de dermatologia não é, que tem treinamento em residência eles atendem... eles por acaso assim pessoas aqui que tem algum problema eles atendem lá?

FA: Atendem.

ML: Tem algum atendimento especial?

FA: Não, nós temos...nós temos três enfermarias nossas e temos prioridade, não entra na fila MH, se chama MH não é.

ML: MH. MH não entra na fila.

FA: Não entra na fila.

LM: O quê que é MH?

ML e FA: Mal de Hansen.

LM: Ah tá.

FA: Até a Palmira teve uma infecção urinária aí e então o médico dela é em São Paulo e tal, estava muito ruim, e infecção urinária é uma coisa secundária então...

LM: Tratou aí mesmo.

FA: Tratou, o Arnaldo fez um cartãozinho falso de MH para ela, porque ela não é MH e ela passou na frente (risos). E agora há poucos dias a diretora quis reformar uma parte do hospital e precisava desalojar os pacientes que estavam lá, então convocou a gente para... para emprestar as nossas enfermarias para ela colocar os pacientes lá enquanto reformava aquelas duas enfermarias. E modernizou, fez... quartos de duas pessoas só com toaletes e tudo, modernizou. Então, nós concordamos e estamos sempre lá de vez em quando discutindo, brigando.

ML: Atentos, não é ?

FA: É, ela atende bem a gente, medicação, ela tem quatro médicos aqui no pensionato....tem quatro médicos de lá que dão plantão aqui cada um, um dia de semana aqui.

LM: Ótimo.

ML: Aqui tem gente acamada mesmo não é.

FA: Ah tem....80% estão acamados.

LM: Nossa.

FA: 80%, piorou. Nós tínhamos feito quando nós idealiza.....

Fita 2 – Lado B

FA: Um andar e não era para doentes.....

ML: Acamados.

FA: Acamados.

ML: Doente acamados era no hospital, tinha duas enfermarias lá.

FA: É por isso que ficamos perto aqui também, antes mesmo disso nós resolvemos ficar perto do nosso hospital, quando adoecesse, fica por lá, aqui é só para pessoas ambulantes, que andem, que saiam, que entrem é uma maravilha. Mas aumentou de tal forma que eles ficam com dó..... a pessoa adoeceu.....

LM: Tem muitos... quantas pessoas mais ou menos vivem aqui?

FA: 80.

LM: 80 pessoas?

FA: É.

ML: A maioria foram ex..... são egressos do Padre Bento ?

FA: Não.

LM: Não?

FA: Não.

ML: Tem gente de outros lugares.

FA: É e tem uma meia-dúzia aí que não são nem MH.

LM: Sei, sei.

FA: A dona Palmira aí... (risos)

LM: A dona Palmira é... (risos) está certo. Acompanhante.

FA: Outras pessoas tem que foram casadas, o marido morreu e elas ficaram aqui, sabe.

ML: E aí o senhor tem alguma coisa em especial para dizer para a gente com relação....

LM: Alguma coisa que o senhor queira dizer que a gente não tenha perguntado.

ML: Alguma coisa importante.

LM: Alguma coisa que o senhor queira é.....

FA: Não.....

LM: Ratificar assim no seu depoimento.

FA: Não eu....

LM: Que o senhor queira falar, uma opinião.

FA: Eu entendo que nós temos necessidade de incrementar a publicidade em torno da doença.

LM: Certo.

FA: Se nós não chegarmos a diagnóstico precoce, não vai acabar essa doença. E precisa pelo menos avançando um pouquinho nos estados mais evoluídos lá do nordes.... no nordeste não tem muito tem muito é no norte não é?

ML: É, não... no nordeste tem no Maranhão, Pernambuco, Piauí.

LM: No Nordeste também tem.

FA: Então, é isso aí que precisa ir.

LM: Certo.

FA: Se não nós vamos chegar lá ao fim porque.... Está.

LM: Não é que a gente abriu, ela abriu a porta. Está bom, doutor Fuad, eu queria dizer que eu gostei muito de escutar as suas histórias, foi.... eu acho que o seu esforço, a sua determinação de ter vencido as barreiras que a doença pode impor, de ter se formado, de ter exercido a advocacia e não ter perdido a esperança, não é ? O senhor não é uma pessoa que fica se lamentando.

FA: Não, não.

LM: Absolutamente, é uma demonstração assim de muita força, de muita positividade.

FA: O que eu acho na vida extraordinário é meu relacionamento com os juízes, não é ?

LM: Certo.

FA: E todos eles sabendo da situação, nunca... nunca recebi, ao contrário, até me prestigiavam porque não sei se vocês conhecem, existe um... aqui em São Paulo advogados dativos.

LM: Dativos? Não, não sei o que é isso.

ML: O quê é isso?

FA: É um convênio que tem a Ordem dos Advogados com os.... assistentes soci...a assistência judiciária do Estado. Então, a Ordem dos Advogados fornece advogados para aten... para patrocinar as causas das pessoas pobres que não tem....

LM: Ah tá, tipo justiça gratuita, não é ?

FA: É, que não tenham recursos. Então quando tem algum.....

ML: Caso.

FA: Paciente não é.

ML: Ah, paciente.

FA: Chamam de paciente, um caso nos vários cartórios da justiça principalmente aí... eu morei toda a vida no Tatuapé, então eu tenho muita...

ML: Conhecimento lá ?

FA: Muito conhecimento lá e o juiz telefonava, mandava a secretária telefonar para o doutor Fuad para ver se ele pode vir, 'se ele pode vir, se ele quer patrocinar a causa de fulano de tal, de ciclano' e sempre fiz isso. Depois de muitos anos eles começaram a pagar e também recebia alguma coisa e pagaram por isso, mas eu fazia.... fazia porque uma coisa ficou muito forte gravada em mim que eu fiz o curso de Direito em uma faculdade... a melhor faculdade de Direito do Brasil e gastei somente dois reais, foi aquele diploma ali.

LM: Foi o custo do diploma. (Risos)

FA: Do diploma porque eles davam o diploma singelo quem quisesse mandava fazer.

LM: Ah o seu diploma é muito bonito.

FA: É custou...

LM: Letras douradas.

FA: Custou dois reais, nunca gastei um centavo, então eu pensei: "O povo pagou para que eu me formasse....".

LM: Isso tem que se converter para a sociedade de alguma forma, não é ?

FA: Eu pego o meu canudo aqui, ponho debaixo do braço e vou explorar o povo? Então eu não explorei, não enriqueci, não ganhei, tanto que vim morar no pensionato pobre aqui porque não tinha mais recurso para viver, cuidar da vida sozinho com 12 empregados, qualquer coisa assim, não tive isso ainda. Não me aliei graças a Deus, graças a Deus.

ML: O senhor tem um português bonito, doutor Fuad, muito correto.

LM: Fala muito correto.

ML: Bem coisa de advogado (risos). Mas ele tem esse sotaque de Minas que pronuncia o L de uma forma completa, jamais o L tem som de U, a gente diz mau ele fala mal.

LM: Mal, exatamente.

ML: Muito bonito esse português, esse sotaque.

FA: Eu não procurei melhorar nada....

LM: É natural, lógico, exatamente.

ML: Parece natural, é um português muito bonito, chama atenção, chama atenção o seu português, para mim chamou.

LM: Eu também, eu também percebi.

FA: É que vocês são generosas.

ML: Imagina.

LM: Não de jeito nenhum. Está bom, a gente pode encerrar, não é Maria Leide?

ML: É, podemos encerrar são... olha eu já estive com o senhor algumas vezes, em alguns eventos mas não sabia absolutamente a sua história, eu acho que é uma história que vale a pena que daqui a 100, 200 anos quem esteja interessado em conhecer hanseníase, acho

que seu depoimento é muito interessante. No meu... porque e o senhor fala... sinto tão poucas mágoas.

LM: Exatamente.

FA: Sem mágoas.

ML e LM: Sem mágoas.

FA: Não tenho não, não tenho mesmo.

ML: É uma visão bem... porque também o senhor como o senhor Fred que nós entrevistamos hoje são pessoas que não permitiram que a doença os aniquilassem, quer dizer são pessoas que construíram suas vidas e ficaram independentes do governo, então eu acho que é muito do perfil deles.

LM: Do perfil da pessoa, é, exatamente.

ML: Não viveu da doença.

FA: A gente tem que ser assim e nossa luta é nesse sentido o MORHAN, o MORHAN quando eu posso, é isso que eu quero que eles façam.

LM: Tá, então muito obrigada, doutor Fuad, muito agradecida pelo seu depoimento.

FA: Obrigado.